Transcrição Amy-Jill Levine: Não compreender as práticas e crenças judaicas significa não compreender Jesus e Paulo.

Claro. Aqui está o texto reescrito em Português do Brasil, com linguagem natural e adequada para um público brasileiro:

A Bat Kol International apresenta Amy-Jill Levine

Não compreender as práticas e crenças judaicas significa não compreender Jesus e Paulo

Terça-feira, 2 de junho de 2026

Teresa Pirola:

Olá e sejam todos muito bem-vindos. É uma alegria ver tantas pessoas participando conosco, vindas de diferentes partes do mundo.

Estou falando de Sydney, na Austrália. Meu nome é Teresa Pirola e faço parte da equipe de liderança da Bat Kol International. É com grande satisfação que dou as boas-vindas a esta nova série: **"Textos Antigos para Tempos Turbulentos"**.

E, de fato, estamos vivendo tempos turbulentos. Observamos o aumento do antissemitismo e uma crescente polarização em nossas comunidades. Diante disso, muitas vezes nos perguntamos: o que podemos fazer para ajudar? Como podemos contribuir de maneira construtiva?

A Bat Kol International criou esta oportunidade para que os cristãos possam revisitar e refletir sobre a forma como ensinam e pregam seus textos sagrados, fazendo isso com responsabilidade, sensibilidade e cuidado.

Antes de prosseguirmos, gostaria de agradecer aos nossos dois principais patrocinadores: a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora de Sion e o Conselho Executivo dos Judeus Australianos.

Também somos muito gratos pelo apoio do Conselho Australiano de Cristãos e Judeus e do Conselho Nacional de Mulheres Judias da Austrália.

Agradecemos igualmente a todos que estão participando conosco hoje e os incentivamos a enviar suas perguntas pelo chat ao longo da apresentação.

O formato da sessão prevê uma exposição de aproximadamente 55 minutos, seguida de um período de perguntas e respostas com duração de cerca de 15 a 20 minutos. Portanto, se tiverem perguntas, por favor, enviem-nas pelo chat, certificando-se de direcioná-las a mim, Teresa. Meu nome aparece entre os coanfitriões na parte superior da janela de conversa. Enviem suas perguntas para mim e faremos o possível para responder ao maior número delas durante a sessão de perguntas e respostas.

Agora, é uma grande honra apresentar nossa palestrante convidada, a Professora Amy-Jill Levine.

Amy-Jill Levine é Professora Distinta de Estudos do Novo Testamento e Estudos Judaicos, ocupando a Cátedra Rabino Stanley M. Kessler na Universidade Internacional de Hartford para Religião e Paz. É também Professora Emérita de Estudos do Novo Testamento e Estudos Judaicos, além de Professora Emérita da Cátedra Mary Jane Werthan de Estudos Judaicos na Universidade Vanderbilt.

Autora de numerosas obras, comunicadora excepcional e amplamente respeitada nos círculos de diálogo inter-religioso, ela tem contribuído de forma significativa para a compreensão das relações entre judaísmo e cristianismo.

Estamos muito felizes por tê-la conosco hoje para nos conduzir pelo universo do Novo Testamento.

Passo agora a palavra à Professora Amy-Jill Levine, levando a ela as calorosas boas-vindas de todos nós.

Amy-Jill Levine:

Estou muito feliz por estar aqui com vocês. Espero que o compartilhamento de tela esteja funcionando. Alguém pode me confirmar se conseguem ver a apresentação?

Sim? Ótimo. Perfeito.

Também quero agradecer a todos os patrocinadores já mencionados e cujos nomes aparecem neste slide. Como foi dito anteriormente, se tiverem perguntas, por favor enviem-nas para a Teresa. Caso tenham perguntas mais pessoais para mim, vocês podem me encontrar pelo Facebook, entrar em contato pelo meu endereço na Universidade Vanderbilt ou, quem sabe, deixar para conversarmos durante a segunda ou a terceira palestra desta série.

Também me avisaram que algumas pessoas inscritas comentaram que eu costumo falar muito rápido. E elas têm razão. Portanto, vou fazer o possível para desacelerar um pouco. De qualquer forma, como esta apresentação está sendo gravada, vocês poderão assisti-la novamente mais tarde, caso queiram rever algum trecho.

Mais uma vez, agradeço a presença de todos.

Vamos ver se isto funciona... Muito bem.

Nesta manhã — ou nesta noite, dependendo de onde vocês estão no mundo — vamos conversar sobre algumas das principais maneiras pelas quais o judaísmo do século I costuma ser mal compreendido por pregadores e professores cristãos.

Também preciso dizer que alguns desses mesmos equívocos aparecem entre os próprios judeus. Existem problemas dos dois lados quando judeus e cristãos falam uns sobre os outros, e vou apresentar exemplos de ambos.

Se, ao ouvir esta palestra, vocês perceberem que já ensinaram alguma dessas interpretações equivocadas, não se preocupem. Vocês simplesmente não sabiam. Mas, depois de passarem uma hora comigo, se continuarem insistindo em ensinar essas coisas erradas, aí sim estarão em sérios apuros. Afinal, irão direto para o inferno.

Então, vamos começar com uma lista geral dos temas que abordaremos, para depois explorá-los com mais profundidade.

Falaremos sobre os mal-entendidos relacionados à Torá, isto é, à Lei judaica ou Lei de Moisés. Trataremos também dos equívocos sobre as normas de pureza ritual — questões ligadas à lepra, outras doenças de pele, fluxos de sangue e temas semelhantes.

Abordaremos ainda as interpretações equivocadas sobre os fariseus, sobre o papel das mulheres e sobre o lugar das crianças na Antiguidade — um assunto que tem surgido com bastante frequência nos últimos anos.

Também discutiremos a forma como o judaísmo do período compreendia as pessoas com deficiência ou aquelas que sofriam de enfermidades.

E a lista continua.

Tenho até uma coleção pessoal do que gosto de chamar de "sermões natalinos desastrosos". Ao longo dos anos, venho registrando exemplos particularmente infelizes de pregações de Natal, e veremos alguns deles hoje.

Falaremos sobre o Templo de Jerusalém e sobre a ideia equivocada de que o judaísmo do século I não tinha qualquer relação com os gentios. Também examinaremos a afirmação de que Jesus teria inventado o universalismo, abrindo pela primeira vez a fé para todas as nações.

Além disso, discutiremos os equívocos em torno das expectativas messiânicas judaicas e a noção de que Jesus teria introduzido uma maneira totalmente nova — e supostamente melhor — de viver no mundo, trazendo consigo um Deus novo e melhor.

É daí que surge o velho estereótipo do "Deus da ira" do Antigo Testamento em contraste com o "Deus do amor" do Novo Testamento.

Por fim, abordaremos uma das questões mais importantes e delicadas de todas: por que Jesus morreu.

Vou apresentar exemplos de cada um desses casos. E, quando menciono pessoas específicas, faço isso citando autores e estudiosos cujo trabalho, em geral, admiro e respeito. Meu objetivo é mostrar o quanto certas ideias estão profundamente enraizadas na tradição de interpretação. Não estou acusando nenhuma das pessoas que citarei de antissemitismo. O que estou sugerindo é que existe, em muitos casos, uma compreensão insuficiente ou equivocada sobre Jesus e sobre a Torá.

Parte desse problema tem origem na passagem de Pedro em Atos 15, quando ele se refere à Torá como um jugo que nem nós nem nossos antepassados fomos capazes de suportar. Na minha opinião, Pedro está enganado nesse ponto. E esse tipo de equívoco não é algo incomum no livro de Atos.

Para trazer um exemplo mais contemporâneo, cito alguém cujo trabalho valorizo muito: Leonardo Boff, um dos fundadores da Teologia da Libertação, uma abordagem extremamente rica e importante para a leitura das Escrituras.

Boff sugere que, no mundo encontrado por Jesus, os seres humanos viviam sob o peso da absolutização da religião, da tradição e da lei. Segundo ele, a religião havia deixado de ser uma forma pela qual as pessoas expressavam sua abertura a Deus e teria se cristalizado, tornando-se um sistema fechado em si mesmo, baseado em direitos, obrigações e sacrifícios. Ele chega a afirmar que os fariseus possuíam uma concepção mórbida de Deus.

Essa é uma observação bastante curiosa, porque o único fariseu de quem possuímos escritos próprios é Paulo de Tarso. Portanto, cabe perguntar: de onde vem essa imagem dos fariseus?

Como corrigir esse entendimento?

Em primeiro lugar, a Torá não é um fardo; ela é uma bênção. Quando Pedro afirma que era proibido aos judeus se associarem aos gentios, ele está claramente equivocado. Como veremos mais adiante, ao tratarmos do Templo de Jerusalém, havia inclusive um espaço específico conhecido como Pátio dos Gentios, onde os não judeus eram bem-vindos para orar e prestar culto.

Vários dos meus alunos protestantes me disseram que os judeus praticariam algo que eles chamam de “salvação pelas obras” ou “justificação pelas obras”, como se a observância da Torá tivesse o objetivo de conquistar ou merecer o amor de Deus.

Mas essa interpretação também está errada.

Os judeus não observam a Torá para conquistar o amor divino. Observam a Torá como resposta ao amor que Deus já demonstrou. A Torá é um presente concedido por Deus, e seu cumprimento é uma forma de corresponder a esse dom.

Quando pensamos na Torá, podemos lembrar das palavras do Salmo 19:

“A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; os testemunhos do Senhor são dignos de confiança e tornam sábios os simples. Os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro e ilumina os olhos.”

E, se vocês continuarem comigo — espero vê-los também na segunda palestra —, mostrarei um exemplo de como esse próprio salmo pode ser utilizado de forma inadequada. Quando discutirmos por que o antijudaísmo e o antissemitismo ainda aparecem em determinadas formas de pregação cristã, especialmente em contextos católicos, voltaremos a esse texto.

Continuando.

Quando falamos da relação de Jesus com a Torá, é importante lembrar que ele não a aboliu. Pelo contrário, ele afirma:

"Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas" — isto é, a Torá e os Nevi'im, as duas primeiras partes do cânon judaico. "Não vim abolir, mas cumprir."

E "cumprir" não significa eliminar uma obrigação para que ninguém mais precise observá-la. O sentido é outro. Pensem em um copo de cerveja em um bar: ele já está cheio, mas o atendente ainda acrescenta um pouco mais, enchendo-o até a borda. É esse o significado de cumprir: levar algo à sua plenitude, revelar toda a riqueza de seu significado.

Jesus procura mostrar a plenitude da Torá ao seu povo.

Por isso, quando ele diz aos seus seguidores:

"A menos que a justiça de vocês supere a dos escribas e dos fariseus, jamais entrarão no Reino dos Céus",

ele não está reduzindo as exigências da Lei. Está fazendo exatamente o contrário. Está elevando o padrão a um nível muito alto.

As pessoas de sua época reconheciam os fariseus — e voltaremos a falar deles em breve — como indivíduos que procuravam viver de acordo com aquilo que ensinavam. Não eram apenas pessoas que falavam sobre a Lei; esforçavam-se para praticá-la.

Assim, Jesus não elimina a Torá. Na verdade, ele a intensifica.

Há uma seção do Sermão da Montanha que costuma ser chamada de "Antíteses". Na minha opinião, esse nome é inadequado.

É a passagem em que Jesus diz:

"Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: 'Não matarás'. Mas eu lhes digo: quem se irar contra seu irmão ou sua irmã..."

Isso não é uma antítese.

Uma antítese seria o oposto da lei original. Seria algo como:

"Vocês ouviram: 'Não matarás'. Mas eu lhes digo: peguem uma arma e matem o maior número possível de pessoas."

Isso, sim, seria uma antítese.

Mas não é isso que Jesus faz.

O que ele faz é ampliar o alcance da Lei. Ele segue um princípio muito conhecido no judaísmo rabínico: "construir uma cerca em torno da Lei".

Como isso funciona?

Existe um mandamento da Torá. Então se estabelece uma orientação adicional para ajudar a garantir que o mandamento original não seja violado.

Assim, ao mandamento que proíbe o homicídio, Jesus acrescenta uma advertência contra a ira.

Ao mandamento que proíbe o adultério, ele amplia a discussão para incluir a cobiça e determinadas situações envolvendo o divórcio e um novo casamento.

Essa forma de interpretar está em sintonia com um importante princípio encontrado em Pirkei Avot ("Ética dos Pais"), um dos tratados mais conhecidos da Mishná.

A ideia é simples: proteja a Torá. Faça tudo o que estiver ao seu alcance para que seus mandamentos sejam observados de maneira correta, responsável, compassiva e benéfica.

Outro exemplo de mal-entendido sobre a tradição judaica envolve o sábado.

Muitos dos meus alunos acreditam que Jesus, diferentemente dos demais judeus de sua época, teria sido o único a perceber que o sábado era uma bênção. Eles citam sua famosa declaração:

"O sábado foi feito para o ser humano, e não o ser humano para o sábado."

A impressão é que os judeus pensavam algo completamente diferente, como se passassem a semana reclamando:

"Meu Deus, já está chegando a noite de sexta-feira. Preciso terminar tudo correndo. Não vou poder trabalhar. Isso é complicado demais. É exigente demais."

Pelo contrário.

Como afirma o Talmude, o sábado foi dado a vocês; vocês não foram dados ao sábado. O sábado é um presente, uma alegria, não um problema ou um peso a ser suportado.

Outro equívoco comum diz respeito às curas realizadas por Jesus no sábado. Já li diversos sermões que afirmam que, ao curar nesse dia, Jesus estaria violando a Lei judaica. Mas não existe nenhuma lei judaica que proíba curar no sábado. Muito pelo contrário: salvar uma vida no sábado é um mandamento — uma mitzvá, palavra hebraica que significa justamente "mandamento".

Encontramos esse princípio em textos rabínicos antigos, como a Tosefta. O Talmude Babilônico, comentando Levítico 18,5 — "Guardem os meus estatutos e as minhas ordenanças; quem os cumprir viverá por meio deles" — acrescenta uma observação importante: viverá por eles, e não morrerá por eles.

Esse princípio nos ajuda a compreender a visão judaica sobre a cura no sábado.

Tomemos como exemplo a história da mulher encurvada, narrada em Lucas 13. Jesus está ensinando em uma sinagoga num sábado e cura uma mulher que sofria havia muitos anos.

O dirigente da sinagoga — que não era um rabino, mas provavelmente um responsável ou patrono da comunidade — fica indignado. Mas não necessariamente porque a cura ocorreu no sábado. Sua preocupação parece ser outra: a interrupção da ordem do culto.

Ele diz à multidão:

"Há seis dias em que se deve trabalhar. Venham nesses dias para serem curados, e não no sábado."

Aparentemente, ele está pensando em uma condição crônica, antiga e não urgente. Afinal, aquela mulher estava naquela situação havia muitos anos.

Mas Jesus responde:

"Hipócritas! Qualquer um de vocês não solta seu boi ou seu jumento da manjedoura no sábado para levá-lo a beber água? Então esta mulher, filha de Abraão, que Satanás manteve presa durante dezoito anos, não deveria ser libertada dessa escravidão justamente no sábado?"

Percebam o que Jesus faz aqui: ele fundamenta seu argumento na própria Torá.

Seu raciocínio é simples. Se vocês tratam seus animais com compaixão no sábado — e é claro que tratam —, quanto mais uma filha de Abraão merece ser libertada de seu sofrimento.

E qual é a reação da multidão?

Lucas nos diz que todo o povo se alegrava com as coisas maravilhosas que Jesus fazia.

Ninguém o vê como alguém que está desrespeitando o sábado.

Aliás, essa história também nos ensina outra coisa: atendimento médico gratuito é um milagre. E suspeito que esse seja um tema especialmente sensível para muitas pessoas nos Estados Unidos.

Passemos agora a Paulo.

Paulo se apresenta como o "apóstolo dos gentios". É assim que ele define sua própria missão.

Quando lemos suas cartas, especialmente a Epístola aos Gálatas, às vezes temos a impressão de que ele está criticando a Lei ou tratando-a como algo negativo. Mas precisamos considerar cuidadosamente quem era seu público.

Paulo não queria que os gentios se submetessem à circuncisão nem que adotassem outras práticas que identificavam ritualmente os judeus em relação aos demais povos.

Por quê?

Porque, se os gentios começassem a praticar essas observâncias, estariam, na prática, convertendo-se ao judaísmo.

Mas Paulo, que continua sendo um judeu convicto — um fariseu convicto que acredita que o Messias já veio — entende que um dos sinais da Era Messiânica é que os gentios abandonarão a adoração aos deuses pagãos e passarão a adorar o Deus único, o Deus de Israel.

No entanto, eles ingressam nessa nova realidade como gentios.

Ou, como gosta de dizer minha amiga Paula Fredriksen: "ex-pagãos que continuam sendo gentios".

Por isso Paulo não deseja que eles se tornem judeus.

Ao mesmo tempo, tudo indica que o próprio Paulo continuou observando os mandamentos da Torá como um judeu fiel e como um fariseu fiel. Isso incluía celebrar as festas judaicas, frequentar o Templo e participar da vida religiosa de seu povo.

Aliás, vemos vários exemplos disso no próprio Livro dos Atos.

O segundo erro é o equívoco em relação às leis de pureza ritual. Vou citar um estudioso presbiteriano da Bíblia, muito competente, mas que, ao que me parece, não está familiarizado com as práticas judaicas. Comentando a parábola do Bom Samaritano — na qual o sacerdote e o levita passam pelo homem caído à beira da estrada, enquanto o samaritano para para ajudá-lo — Gene March sugere que, se o viajante já estivesse morto ou viesse a morrer enquanto recebia socorro, eles se tornariam ritualmente impuros por terem tocado em um cadáver.

Mas essa não é a forma como normalmente entendemos a questão. Não pensamos, por exemplo, que José de Arimateia ou Nicodemos tenham ficado preocupados por terem tocado no corpo de Jesus ao sepultá-lo. Não imaginamos que tenham pensado: “Agora estou impuro ou contaminado.” Da mesma forma, isso não é uma preocupação quando Marta vai ao túmulo de Lázaro encontrar Jesus, nem quando as mulheres vão ao túmulo após a crucificação.

Gene March continua afirmando que essa impureza obrigaria o sacerdote e o levita a passarem por um processo de purificação ritual antes de retomarem suas responsabilidades religiosas. No entanto, essa interpretação está equivocada por várias razões.

Em primeiro lugar, embora os sacerdotes — e isso continua sendo observado por muitos judeus praticantes até hoje — evitem contato com cadáveres, exceto quando se trata de parentes próximos, como pai, mãe, cônjuge, irmão ou filho, essa restrição não se aplica aos levitas.

Além disso, no judaísmo existem mandamentos considerados mais importantes do que outros. O próprio Jesus faz referência a isso em Mateus 23. Salvar uma vida — princípio

conhecido como *Pikuach Nefesh* — é uma obrigação suprema. Afinal, a lei foi dada para promover a vida, não para causar a morte.

O sacerdote também não precisava se preocupar com suas funções no Templo naquele momento, porque o texto grego do Novo Testamento é bastante claro: ele estava descendo de Jerusalém para Jericó (*katabainō*, καταβαίνω), e não subindo em direção ao Templo para exercer seu ministério.

O Livro de Tobias, que integra os cânones católico, ortodoxo e anglicano, ajuda a esclarecer esse ponto. Tobias é apresentado como um herói justamente porque passa os dois primeiros capítulos enterrando cadáveres. Era isso que os judeus faziam: não se deixava um corpo abandonado na rua.

O historiador judeu do século I, Flávio Josefo, em sua obra *Contra Apião*, afirma que Moisés ordenou diversas obrigações para com todas as pessoas, como fornecer fogo, água e alimento aos necessitados, indicar o caminho aos viajantes e não deixar ninguém sem sepultura. Ele acrescenta ainda que devemos tratar até mesmo nossos inimigos com moderação.

Jesus vai além ao ensinar que devemos amar nossos inimigos, mas o ponto permanece: cuidar dos mortos e socorrer os necessitados fazia parte das responsabilidades morais judaicas. Portanto, é natural concluir que os judeus se encarregariam de um cadáver e ajudariam alguém em perigo.

Quando recorremos à Mishná, encontramos a orientação de que até mesmo pessoas extremamente rigorosas em relação à pureza ritual podem tornar-se impuras para cuidar de um cadáver abandonado. O Talmude Babilônico vai ainda mais longe: se não houver ninguém disponível para providenciar o sepultamento, a responsabilidade recai sobre o primeiro judeu que encontrar o corpo, sem exceção.

Então, por que o sacerdote e o levita passaram adiante?

Atribuir essa atitude ao medo da impureza ritual é uma interpretação que extrapola o texto. Ela acrescenta elementos que não estão presentes na narrativa, compreende de forma inadequada o judaísmo do século I e provavelmente ignora a razão mais plausível para a atitude deles: o medo de assaltantes e emboscadas naquela estrada.

Quanto às práticas de pureza, elas eram amplamente difundidas na sociedade judaica, como demonstram os numerosos recipientes de calcário e os *miqva'ot* (banhos rituais) encontrados pelos arqueólogos em toda a Baixa Galileia. Centenas desses objetos foram descobertos.

Essa preocupação generalizada com a pureza também é confirmada por outras evidências arqueológicas, como as lâmpadas utilizadas para o sábado — projetadas para permanecer acesas por cerca de 25 horas —, a ausência de ossos de porco na Baixa Galileia e as moedas sem imagens cunhadas por Herodes Antipas.

Portanto, a pureza ritual não era uma prática exclusivamente farisaica; era algo amplamente observado pelos judeus.

Ao mesmo tempo, a própria observância da Torá implicava situações frequentes de impureza ritual. Pessoas que lidavam com funerais e sepultamentos tornavam-se impuras. Mulheres menstruadas, mulheres que haviam acabado de dar à luz ou que apresentavam sangramentos irregulares também eram consideradas ritualmente impuras. O mesmo ocorria com homens após a ejaculação. No entanto, essas pessoas não viviam preocupadas ou angustiadas por estarem temporariamente em estado de impureza ritual.

O objetivo dessas leis de pureza — ou, em termos mais amplos, da *Halakhá*, a lei judaica — era santificar a vida cotidiana, fortalecer a identidade judaica e ajudar a resistir à assimilação cultural. Em outras palavras, as leis de pureza serviam para santificar o corpo, a vida diária e expressar a identidade do povo judeu.

Jesus não aboliu as leis de pureza. Pelo contrário, ele restaurava as pessoas à pureza ritual.

Nesse contexto, vale a pena mencionar a obra de Matthew Thiessen, *Jesus and the Forces of Death*. O autor argumenta que, ao restaurar pessoas à pureza ritual, Jesus as retirava de uma condição associada à morte ou à exclusão da vida plena e as reintegrava à esfera da vida.

Mais uma vez, o ponto fundamental é este: Jesus não elimina as leis de pureza. Jesus restaura as pessoas à pureza ritual.

O terceiro ponto diz respeito ao problema da imagem dos fariseus. Sobre esse tema, eu recomendaria uma coletânea de ensaios que coeditei com o padre Joseph Sievers, hoje aposentado do Pontifício Instituto Bíblico de Roma (Biblicum).

Vou apresentar um exemplo de equívoco bastante comum. Ele vem de um influente autor evangélico chamado Brian McLaren, em um importante periódico evangélico, a revista *Sojourners*. McLaren descreve os fariseus como pessoas ricas e bem-sucedidas, que viviam em casas luxuosas enquanto ignoravam os pobres que dormiam nas sarjetas diante de suas portas. Segundo ele, eram indivíduos orgulhosos que julgavam, insultavam, excluíam, evitavam e acusavam os outros. Já aqueles que sofriam esse desprezo — os pobres, os marginalizados e os pecadores — seriam justamente os que alcançariam a salvação.

Nessa perspectiva, os portões do céu se abririam para os pobres, os necessitados, os pecadores, os doentes, os sem-teto e até mesmo para prostitutas e cobradores de impostos. Em outras palavras, todas as pessoas que os fariseus supostamente evitavam seriam exatamente aquelas acolhidas por Deus.

Mas McLaren não apenas atribui essa visão negativa aos fariseus; ele a estende ao judaísmo como um todo. Ao final de seu comentário, sugere que essa inversão da linguagem tradicional sobre céu e inferno teria chocado igualmente judeus, multidões e fariseus. Em outras palavras, para McLaren, os fariseus — e, por extensão, todos os judeus — acreditavam que apenas os ricos e saudáveis mantinham uma relação correta com Deus.

Esse retrato, porém, contradiz completamente o conjunto das fontes judaicas que possuímos atualmente. Em 2019, foi realizada uma conferência internacional sobre os fariseus, da qual

surgiu o livro cuja capa mostrei anteriormente. Se observarem atentamente a fotografia, verão o padre Sievers e eu na primeira fila, à direita. O homem vestido de branco é o Papa Francisco, para quem ainda não o reconheceu.

Em seu discurso aos participantes, o Papa Francisco observou que a história da interpretação cristã frequentemente construiu uma imagem negativa dos fariseus sem uma base sólida nos relatos evangélicos. Ao longo dos séculos, essa imagem acabou sendo aplicada aos judeus em geral. É exatamente esse deslocamento — dos fariseus para todo o povo judeu — que podemos identificar na declaração de McLaren.

O Papa continuou afirmando que um dos estereótipos mais antigos e prejudiciais é justamente o do fariseu, especialmente quando o termo é utilizado para retratar os judeus de maneira negativa.

Hoje, na cultura popular, os fariseus costumam representar tudo aquilo de que o autor ou comentarista não gosta. Para A. D. Robles, por exemplo, os fariseus seriam excessivamente liberais ou "woke". Já para James Butcher, eles seriam conservadores demais e incapazes de se adaptar aos novos tempos.

Nenhuma dessas caracterizações possui fundamento histórico. Trata-se apenas da utilização de estereótipos para reforçar argumentos contemporâneos. Isso resulta em má história, e a má história inevitavelmente conduz a uma má teologia e também a uma má ética.

O padre Joseph Sievers observa que nenhum dos cerca de doze fariseus mencionados nos textos antigos corresponde a esses estereótipos negativos. Podemos lembrar, por exemplo, de Nicodemos, no Evangelho de João, ou de Gamaliel, no Livro dos Atos.

Quanto a Paulo — nosso único fariseu que fala de si mesmo em primeira pessoa — ele se descreve como irrepreensível no que diz respeito à justiça da Lei. O termo que utiliza é *amemptos*, "sem repreensão". Portanto, Paulo não se apresenta como alguém em conflito com a Lei; ao contrário, acredita que a observa de maneira exemplar.

Quando aceita a revelação de Jesus — algo que não alcança por meio do estudo, mas por uma experiência reveladora no caminho para Damasco — Paulo não deixa de ser fariseu. Ele simplesmente passa a acreditar que se tornou um fariseu melhor porque agora conhece Jesus.

O padre Craig Morrison, autor do primeiro ensaio da coletânea após a introdução, analisa a etimologia do termo "fariseu". Muitas vezes se afirma que o nome deriva de uma palavra que significa "separar", e é provavelmente daí que surge a ideia, presente em autores como McLaren, de que os fariseus se isolavam do povo e não queriam ter contato com ele.

De fato, o termo hebraico *perush* pode significar "separado". A questão, porém, é: separado de quê? Da impureza? Do pecado? Ou talvez essa ideia de separação esteja ligada ao Livro do Levítico, onde Deus diz ao povo, por meio de Moisés: "Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo. Eu vos separei dentre as nações para que sejais meus".

Morrison também destaca que *perush* pode significar “interpretar”, “explicar” ou “especificar”. Como especialista não apenas em hebraico e aramaico, mas também em siríaco, ele observa que, na tradução siríaca de Lucas 10,1, o termo relacionado a *Peshitta* pode indicar alguém separado para uma missão específica.

Portanto, não há razão para concluir que os fariseus se consideravam superiores a todos os demais ou que procuravam se afastar da sociedade. Pelo contrário: as evidências históricas mostram que eles eram mestres populares, amplamente respeitados pelo povo.

Os Evangelhos, ao contrário, começam a separar Jesus do judaísmo e a criticar os fariseus.

Assim, vemos aqui em Mateus que fariseus e escribas vieram de Jerusalém até Jesus e perguntaram: “Por que razão os teus discípulos quebram a tradição dos anciãos, já que não lavam as mãos antes de comer?” A mesma ideia aparece em Marcos, capítulo 7.

Marcos acrescenta: “Pois os fariseus e todos os judeus não comem sem antes lavar as mãos com um punhado de água.” Trata-se de uma tradução literal, refletindo a chamada tradição dos anciãos.

Portanto, é verdade que os fariseus e a maioria dos judeus daquela época provavelmente realizavam esse tipo de lavagem antes das refeições. Este é um copo usado para a lavagem ritual — objetos assim ainda são utilizados até hoje por judeus praticantes. Mas a questão é: por que eles se lavavam?

A explicação mais provável é que os fariseus estavam seguindo Êxodo 19:6, onde Deus diz: “Sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa”.

Mas o que isso significa? Os fariseus eram, em sua maioria, um movimento bastante popular e formado por leigos que tinham profissões comuns — pequenos comerciantes, oleiros, padeiros, carpinteiros.

Eles pensavam algo como: “Os sacerdotes lavam as mãos no templo antes de lidar com objetos rituais; então isso pode ser estendido a todos. Se todos lavarmos as mãos antes de comer, nos tornamos um reino sacerdotal e uma nação santa — e qualquer pessoa pode fazer isso.”

Jesus, porém, não está interessado na tradição dos anciãos nem na interpretação farisaica da Torá. Ele propõe uma leitura própria.

Quanto a comer com cobradores de impostos e pecadores, isso não é uma questão de leis de pureza ritual, nem do que há na mesa — como se estivessem servindo camarão enrolado em bacon. Não é isso.

No mundo antigo, “pecadores” e “cobradores de impostos” poderiam ser comparados, em termos modernos, a traficantes de armas, traficantes de drogas, exploradores sexuais ou outros criminosos desse tipo. E, ainda assim, até esses “pecadores” aparecem no templo.

Podemos lembrar aqui a parábola do fariseu e do publicano, no capítulo 18 de Lucas. Por que os fariseus e os escribas consideravam um problema Jesus jantar com pecadores e cobradores de impostos?

Porque as pessoas são julgadas pelas companhias que mantêm. Aos olhos de quem observa de fora, se Jesus está à mesa com pecadores e cobradores de impostos, parece que ele está aprovando suas ações, em vez de tentar trazê-los de volta ao caminho da Torá.

Essa mesma preocupação aparece em Paulo, em 1 Coríntios, quando ele orienta os cristãos de Corinto: “Escrevi a vocês anteriormente para não se associarem com pessoas imorais. Mas agora escrevo que não devem se associar com alguém que, dizendo-se irmão, seja imoral, ganancioso, idólatra, caluniador, bêbado ou ladrão. Nem mesmo comam com essa pessoa.”

A ideia é que isso pode parecer uma aprovação do comportamento, e as pessoas tendem a julgar pelas companhias que mantemos.

Assim, ao analisar fariseus e Jesus, é importante notar que alguns fariseus — como Paulo, por exemplo, e outros citados em Atos — acabam se juntando aos seguidores de Jesus. Ou seja, tanto Jesus quanto os fariseus, e também os primeiros seguidores de Jesus e os fariseus, faziam parte de movimentos populares dentro do povo e tinham muitos pontos em comum. Ambos atuavam entre as pessoas comuns e serviam como referência moral e social.

Ambos defendem e interpretam a Torá, mas se organizam de maneiras diferentes. Os fariseus formam uma associação voluntária, por isso atuam de modo coletivo. Já Jesus exerce liderança com autoridade carismática. Os fariseus tendem a ser mais pragmáticos: como devemos viver? Como interpretar a lei de forma a facilitar que as pessoas cumpram a Torá?

Jesus, por outro lado, tem uma ênfase mais escatológica, voltada para a chegada do Reino dos Céus e, por isso, pode soar mais idealista: “Sede perfeitos, assim como o vosso Pai que está nos céus é perfeito”, como conclui o Sermão da Montanha.

Ao longo do tempo, Mateus e João acabam intensificando a imagem negativa dos fariseus. Usando Marcos como fonte — com mais certeza em Mateus e provavelmente também em João —, eles acrescentam fariseus em passagens onde Marcos não os menciona e transformam motivos que em Marcos são relativamente neutros ou até positivos em elementos mais negativos em Mateus.

Daí surgem vários estereótipos que devem ser evitados: legalistas, elitistas, amantes do dinheiro, xenófobos, hipócritas, misóginos ou resistentes à inovação. Em outras palavras, os fariseus não devem ser usados como substitutos para críticas a políticas ou posições sociais das quais discordamos.

Erro número 4: a ideia de que Jesus teria “inventado o feminismo”.

Uma citação antiga do Conselho Mundial de Igrejas, de cerca de 2000 anos, afirma que Jesus Cristo teria dado às mulheres o lugar que lhes era devido, apesar do pesado jugo da cultura judaica da época, como se essa cultura fosse intrinsecamente misógina e como se Jesus

tivesse introduzido uma espécie de feminismo. Algo como um “fato histórico moderno” projetado no passado.

Nos Estados Unidos, no ano 2000, o ex-presidente Jimmy Carter chegou a comparar o judaísmo do século I ao Talibã, conhecido por suas visões restritivas em relação às mulheres.

Mas como se chega a essa ideia de que Jesus teria “inventado o feminismo”? Uma forma de entender o problema é observar como preocupações contemporâneas são projetadas sobre o passado. Por exemplo, ao pesquisar “mulheres com hemorragia” ou “mulheres sangrando”, um dos primeiros resultados encontrados foi um artigo de 2015 da Comunhão Anglicana.

Nesse texto, uma autora escreve a partir de uma perspectiva sul-asiática e interpreta a história da mulher com hemorragia sob uma ótica contemporânea. Por ela ser considerada “impura” — termo problemático, como ela mesma reconhece —, sugere-se que talvez não pudesse permanecer na mesma casa que sua família, podendo até ser isolada em espaços periféricos, como um estábulo.

Entretanto, essa descrição não corresponde às evidências históricas. Também se especula que ela poderia ter sido privada de comida por ser considerada um fardo, o que levanta a pergunta: por que assumir isso?

Ela afirma ainda que a mulher, por sua condição, teria desafiado a lei judaica ao se aproximar de Jesus para tocá-lo, apesar da suposta proibição. Porém, não há uma lei judaica que proíba tocar alguém em estado de impureza ritual dessa forma.

Também é sugerido que ela não poderia sequer circular entre a multidão — como se mulheres menstruadas não pudessem ir ao mercado, o que não corresponde à realidade.

Assim, a conclusão apresentada é que Jesus teria desafiado uma lei judaica injusta, associada ao livro de Levítico, que supostamente oprimia mulheres por questões de sexualidade ou saúde reprodutiva. Vale lembrar, porém, que o mesmo livro também descreve estados de impureza ritual para homens, como no caso da ejaculação.

E ela conclui: sendo uma mulher judia, ela tinha plena consciência das consequências de violar as leis judaicas, tal como estão escritas na Torá — ou seja, nas Escrituras judaicas. Talvez ela pudesse até ter sido apedrejada até a morte.

A multidão não está pegando pedras para atirar nessa mulher. Na verdade, em uma pequena cidade da Galileia, onde esse milagre de cura acontece, assim que aquela mulher aparece no meio da multidão, ela provavelmente se abriria como o Mar Vermelho, com pessoas dizendo: “Sai, sai, mulher com hemorragia”.

Mas isso não acontece.

Portanto, vejam: Jesus não era radical em questões relacionadas às mulheres. Se fosse, seis dos doze apóstolos teriam sido mulheres. Mas não há mulheres entre os doze mais próximos, nem entre os três mais próximos: Pedro, Tiago e João. Não há nenhuma mulher

explicitamente mencionada na Transfiguração, na Última Ceia, no Getsêmani ou na prisão de Jesus. Elas podem até ter estado presentes, mas o texto simplesmente não registra isso.

A ausência de evidência não é o mesmo que evidência de ausência. Mas o problema é que elas não são mencionadas. Jesus não promete a nenhuma mulher que ela se sentará em tronos para julgar as doze tribos de Israel. E, como alguns dos meus amigos argumentam ao defender que mulheres não devem ser ordenadas em igrejas contemporâneas, dizem que Jesus não ordenou mulheres. Bem, Jesus também não ordenou nenhum homem. E, só como observação, quando alguém me diz que, como Jesus não ordenou nenhuma mulher, então as igrejas não deveriam ordenar mulheres, eu costumo lembrar que Jesus também não ordenou nenhum não judeu — e os gentios têm se saído muito bem na igreja. Mas isso é apenas uma observação à parte.

Então, como é que Jesus teria se tornado "radical" em relação às mulheres?

No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, mulheres cristãs buscaram a ordenação e também igrejas que as ordenassem dentro da tradição protestante, para romper o que às vezes é chamado de "teto de vidro eclesiástico", em que mulheres eram ordenadas, mas não subiam ao púlpito no domingo de manhã.

Então, como se constrói a ideia de um Jesus feminista? Essas feministas da segunda onda recorreram a comentários mais restritivos do Talmude. Se você nunca viu um exemplar do Talmude, ele se parece com isso: uma coleção em vários volumes, em formato de fólio. Para quem trabalha com história da igreja, é como pegar a coleção dos Pais Ante e Pós-Nicenos e misturá-la toda. Elas selecionaram comentários restritivos presentes na literatura talmúdica posterior.

Ignoraram os menos restritivos. Tornaram os comentários mais restritivos normativos para o período do judaísmo, retroprojetando essas interpretações no tempo — mesmo quando vinham de um rabino do século VI — e depois compararam esses comentários negativos sobre mulheres em fontes rabínicas com comentários positivos do Novo Testamento, como, por exemplo, a apóstola Júnia ou a diácona Febe. Isso não ajuda muito.

Então, aqui vai um exemplo de uma lista de erros, escrita por uma religiosa que se interessou pelo tema. É uma lista antiga, e ela já a revisou, mas ainda é muito, muito útil.

No que diz respeito aos erros sobre as mulheres, ela começa afirmando que as mulheres hebraicas da Palestina — com isso ela se refere às judias — estavam entre as mais pobres do mundo na época de Jesus. Isso provavelmente se devia ao fato de não terem direitos de herança e poderem ser divorciadas pelas razões mais triviais. Uma mulher hebraica tinha direitos de propriedade mínimos ou inexistentes. Bem, aqui está um exemplo de uma que tinha.

Este é um documento de registro de quatro pomares de tâmaras pertencentes a Babata, uma mulher judia do início do século II, um dos 35 rolos de papiro distintos — estes são os documentos legais de Babata — encontrados na Caverna das Cartas. Babata provavelmente morreu durante a segunda revolta contra Roma, a Revolta de Bar Kokhba.

Aqui estão as correções. As mulheres eram donas de suas próprias casas? Sem dúvida, e podemos ver isso no Novo Testamento. Marta acolhe Jesus, e esse gesto de acolhimento indica recebê-lo em sua própria casa.

A assembleia se reúne na casa de Maria, mãe de João Marcos, após a morte de Jesus. Elas tinham acesso aos seus próprios recursos, como a mulher da parábola que perde uma moeda, a encontra e depois a usa para fazer uma festa com outras mulheres.

A viúva no templo que deposita suas moedas no tesouro do templo. A mulher que unge a cabeça ou os pés de Jesus com um perfume muito caro.

As mulheres atuavam como patronas, como Maria Madalena, Joana, Susana e outras, que sustentavam o grupo de acordo com seus meios. Elas também participavam da economia, como no setor têxtil — por exemplo, Lídia e Dorcas — e Priscila, que trabalhava com couro. Elas aparecem no templo, que possui um pátio dedicado às mulheres. Também aparecem na sinagoga, como a mulher encurvada, que não está atrás de uma tela nem em uma galeria.

Não é de surpreender que Jesus falasse com mulheres, falasse sobre mulheres, curasse mulheres e aceitasse o patrocínio delas.

Assim, embora este texto conclua que o comportamento de Jesus em relação às mulheres — mesmo visto através da lente androcêntrica dos Evangelhos — seja notável, a verdade é que não é algo excepcional dentro do contexto judaico.

Quando começamos a dizer algo como “de alguma forma ele inventou um papel melhor para as mulheres”, acabamos colocando o judaísmo como contraponto negativo, como se Jesus fosse o único a promover os direitos das mulheres.

Por isso, podemos perguntar: por que as mulheres seguiam Jesus? Porque ele curava seus corpos e expulsava seus demônios? Porque achavam sua mensagem do Reino de Deus convincente? Porque se sentiam atraídas por sua visão de “quem são minha mãe e meus irmãos e irmãs?”. Isso é conhecido como parentesco fictício. Jesus está criando uma nova família e, ao mesmo tempo, relativizando o casamento e a maternidade. “Ai de vós que estiverdes grávidas naqueles dias”, esse tipo de linguagem. Assim, pode ter sido que mulheres fora da estrutura familiar tradicional — não casadas, viúvas, divorciadas ou sem filhos — encontrassem uma nova família no grupo em torno de Jesus. E a principal razão pela qual as mulheres seguiam Jesus é a mesma dos homens: estavam convencidas de que sua mensagem falava aos seus corações.

O erro número 5 é pensar que os judeus viam crianças como marginais ou insignificantes, de modo que quando Jesus diz: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, nunca entrareis no Reino dos Céus. E quem se tornar humilde, ταπεινόω (tapeinoō), como esta criança, será o maior no Reino”. João pode estar

apresentando outra versão dessa ideia quando diz: “A menos que alguém nasça de novo, ou seja, nasça como uma criança nova — porque é assim que se nasce — não pode ver o Reino de Deus”.

Mas o ponto aqui não é que as crianças fossem de ninguém, descartáveis, nem que Jesus estivesse criando uma “Liga de Libertação das Crianças”. Os pais judeus amavam seus filhos, e isso aparece claramente nos Evangelhos. As crianças eram levadas a Jesus por pais ou cuidadores para que ele lhes impusesse as mãos e orasse.

Os discípulos, que tentam controlar a situação, dizem: “Não, não, parem com isso.” Mas Jesus responde: “Deixem as crianças virem a mim e não as impeçam.” Ou seja, são justamente os pais e cuidadores judeus que estão levando as crianças a Jesus em primeiro lugar. Portanto, os discípulos aqui não representam a atitude dominante; eles estão, na verdade, interpretando de forma equivocada o que acham que Jesus quer.

Jesus, na realidade, também pressupõe que as crianças são bem cuidadas. Ele diz algo como: se alguém entre vocês, sendo mau, pede pão ao filho, lhe daria uma pedra? A resposta é não. Ou se o filho pede peixe, daria uma cobra? Também não. Portanto, se vocês, sendo maus, sabem dar boas dádivas aos seus filhos — ou seja, se os judeus cuidam adequadamente de seus filhos — quanto mais o Pai que está nos céus dará boas coisas àqueles que Lhe pedirem? Esse é, aliás, um excelente argumento judaico do tipo *kal va-chomer*, do menor para o maior.

Então, as crianças são humildes? Bem, qualquer pessoa que já teve um filho provavelmente diria: “não exatamente”, especialmente quando estão gritando por cereal e espalhando tudo pelo supermercado. Mas o que há nas crianças que pode ser relevante aqui?

Elas não estão ligadas à reprodução sexual, são receptivas ao ensino, dependem de outros para suas necessidades básicas, reconhecem que fazem parte de algo maior, não se preocupam com aparência ou reputação e, em geral, não ocupam posições de poder ou prestígio. Não é necessário retratar o cuidado judaico com as crianças como algo negativo para que a fala de Jesus sobre elas e seu uso como exemplo façam sentido.

O sexto erro é um problema de retórica: a retórica do marginalizado e do excluído. Isso aparece especialmente em sermões e estudos bíblicos que tratam pessoas possuídas por demônios ou que sofrem de doenças como paralisia, cegueira, surdez ou febre.

O que vemos no Novo Testamento — e isso também se aplica a outras fontes judaicas da época — é que pessoas doentes ou com deficiência geralmente estão integradas em redes familiares e comunitárias de apoio. Isso fica evidente: pessoas levam a Jesus indivíduos doentes ou endemoninhados para que ele os cure ou liberte, o que mostra que há um sistema de suporte. A sogra de Pedro, curada de uma febre, possivelmente associada a influência espiritual, já que Jesus repreende a febre. A filha de Jairo é cuidada pelos pais. O menino “lunático” ou epiléptico que se lança no fogo tem um pai que suplica a Jesus.

O paralítico é trazido por alguém — não sabemos se amigos, escravos ou familiares — mas claramente não está abandonado, já que abrem o telhado para colocá-lo diante de Jesus. A mulher encurvada é encontrada na sinagoga, dentro da comunidade. O filho do oficial em

João 4 faz parte de uma família. Lázaro, que esteve doente e acabou sendo sepultado, é cuidado por suas irmãs Maria e Marta.

E quando chegamos ao livro de Atos, vemos judeus levando pessoas com deficiência e enfermos aos apóstolos. E, entre os gentios, também aparece o servo do centurião, ou o jovem escravo. Ou seja, as pessoas doentes e com deficiência não eram vistas como marginais ou excluídas; elas estavam integradas às estruturas familiares, e havia preocupação com elas.

Vamos em frente. A doença, em geral, também não é automaticamente entendida como consequência de pecado.

Em João 9, na história do homem que nasceu cego, os discípulos perguntam a Jesus: "Rabi, quem pecou, este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?". Essa é uma ideia que aparece em algumas fontes judaicas e também em contextos gentios antigos.

Mas não era, de forma alguma, a visão predominante. Não há indicação de que os judeus considerassem a sogra de Pedro, ou crianças endemoninhadas, ou pessoas cegas como pecadoras por causa de suas condições.

Portanto, Jesus não está simplesmente rompendo uma ligação entre doença e pecado como se ela fosse universal. Na tradição judaica, por exemplo, existe o Bikur Cholim, o mandamento de visitar os enfermos. Essa prática é frequentemente associada a uma tradição rabínica que remonta a Gênesis 18, quando Deus visita Abraão após sua circuncisão, porque ele estava em recuperação e desconfortável. É uma ideia bonita.

Há também uma passagem do Talmude Babilônico que lista coisas que uma pessoa desfruta neste mundo e cujo "princípio" também existe no mundo vindouro. Em outras palavras, são práticas que podem ser feitas agora e que beneficiam tanto a pessoa quanto os outros: hospitalidade, visitar os enfermos, reverência na oração, levantar cedo para estudar a Torá, criar os filhos (de forma inclusiva em termos de gênero), dedicar-se ao estudo da Torá e julgar os outros favoravelmente, dando o benefício da dúvida. Assim, visitar os enfermos é uma preocupação judaica antiga e bem estabelecida. Isso também pode ser visto no livro de Jó.

Jesus não está "inventando" o cuidado com os doentes, e os enfermos não eram, em regra, marginalizados ou excluídos.

O "erro número 7" seria uma suposta "praga antes do Natal", algo que vem de um artigo disponível no site TheTorah.com, que é um recurso bastante útil.

A ideia de que os judeus apedrejavam pessoas por adultério, ou especificamente Maria, não procede. E, se pensamos na história de João 8, sobre a mulher apanhada em adultério, quando perguntam a Jesus: "Ela foi pega em flagrante; a Torá manda apedrejá-la. O que devemos fazer?", não faz sentido essa pergunta se as pessoas realmente praticassem apedrejamentos automáticos dessa forma.

Aliás, a imagem de pessoas largando pedras ao se afastarem é Hollywood; isso não aparece no Evangelho de João.

A ideia de que Maria e José foram recusados em uma estalagem por falta de dinheiro também não se sustenta. E, em Lucas, nem sequer há menção a um estalajadeiro.

Um sermão de Natal recente e bastante duvidoso dizia que o nascimento de Jesus em uma estalagem tornaria todos no mesmo espaço ritualmente impuros, por isso Maria teria sido levada para um quarto de hóspedes. Não é isso. O ponto é simplesmente que não havia espaço adequado para um parto, especialmente se alguém desejasse privacidade.

E, por fim, voltando à questão dos marginalizados e excluídos, os pastores acabam sendo usados como símbolo daqueles considerados impuros ou socialmente rejeitados.

Errado e errado outra vez. Então, pode ficar com esta ideia dos pastores, basta ir a… se pesquisar no Google «pastores impuros marginalizados». Eles eram considerados impuros e sujos segundo a lei judaica do século I. A propósito, não existe tal lei.

O seu trabalho exigente obrigava-os a lidar constantemente com animais e resíduos animais, e eram impedidos de participar no culto no templo e vistos como párias. Não eram, e não eram. No entanto, Deus escolheu estes trabalhadores marginalizados. Então, é isto que a IA e o ChatGPT nos apresentam. A propósito, eis como os pastores ganharam a reputação de se tornarem marginalizados e párias. Trata-se de uma má interpretação do Talmude.

Quando os comentadores citam realmente uma fonte, citam normalmente a Mishná Quddushin 4.14 para afirmar que os pastores eram párias. Mostrei-vos isto em hebraico, e a palavra a amarelo é רֹעֶה (ro'eh), que significa pastor. Aqui está a tradução. Abba Guria de Sidon disse em nome de Abba Guria: «Que ninguém forme o seu filho como condutor de burros, condutor de camelos, barbeiro, marinheiro, pastor, רֹעֶה (ro'eh), ou lojista, pois são ofícios ou ofícios de bandidos.»

Este é um rabino a expressar a sua opinião particular e a ser um pouco tolo a esse respeito; é preciso considerar o contexto mais amplo, porque a Mishná prossegue imediatamente dizendo: «Rabino Judá — trata-se de Judá, o príncipe —, a maioria dos condutores de burros é má, a maioria dos condutores de camelos é decente, a maioria dos marinheiros é santa, o melhor entre os médicos irá para o inferno e o melhor dos talhantes é um parceiro de Amalek». Por outras palavras, estes rabinos estão apenas a brincar.

E concluem finalmente esta missão específica dizendo: «Devo deixar de lado todos os ofícios do mundo e ensinar ao meu filho apenas a Torá.» Não há provas de que os pastores fossem considerados marginais e párias. Na verdade, entre os pastores contam-se Raquel, Moisés, David e o rabino Akiva.

Considerar os pastores como marginais e párias seria ridicularizar o versículo «O Senhor é o meu pastor», do Salmo 23.

Seria uma afronta à proclamação de Jesus: «Eu sou o bom pastor». E se os pastores fossem párias, marginais ou insignificantes, não haveria razão para que alguém levasse a sério o que

eles tinham a dizer; no entanto, as pessoas levaram a sério o anúncio do pastor, de acordo com o Evangelho de Lucas.

O erro número 8 é o chamado sistema de dominação do templo. Este é um artigo antigo de um metodista a falar sobre a viúva que coloca as suas duas moedas no templo. As curas e exorcismos de Jesus e a sua declaração de perdão dos pecados demonstraram que a graça de Deus estava agora disponível fora das paredes do templo. Sempre esteve disponível fora das paredes do templo, especialmente para aqueles impedidos de receber a compaixão divina.

Bem, a compaixão divina não se restringe ao templo, e eles certamente não estão impedidos de receber compaixão, devido à vigorosa ética de pureza imposta por algumas das autoridades do templo. A mulher não tem nada a ver com pureza ritual. Ela é viúva, é idosa, penso eu. Provavelmente não acabou de dar à luz.

Assim, este escritor em particular conclui que Jesus ficou entristecido com a forma como o templo e os seus funcionários a manipularam para que se separasse do pouco que tinha e, com esta mesma afirmação, o que acaba por fazer é revitimizá-la, privando-a de toda a autoridade, transformando-a numa vítima total, em vez de a ver como participante num sistema religioso por sua própria vontade.

Assim, quando as pessoas ouvem Jesus dizer: "Fizestes deste edifício um covil de ladrões" ou "uma caverna de ladrões", isso não tem nada a ver com aumento de preços. Os Evangelhos não mencionam nada sobre preços abusivos no templo, e sabemos que, quando Maria e José levam o menino Jesus ao templo e fazem uma oferta, o sistema do templo já funcionava com uma tabela proporcional, permitindo que pessoas pobres também participassem.

Um "covil de ladrões" não é um lugar onde ladrões estão roubando. Um covil de ladrões, ou uma caverna de salteadores, é o lugar onde eles vão para se sentir seguros, como uma espécie de "esconderijo de bandidos". Se Jesus achasse que a viúva estava sendo explorada, ele poderia simplesmente ter dito: "Ei, senhora, poupe o seu dinheiro!". Ele não se abstém de confrontar questões do templo quando considera necessário.

Paulo, na verdade, afirma a importância da adoração no templo, algo que muitas vezes não percebemos por causa das traduções para o inglês. Isso aparece em Romanos 9:4: "São israelitas; deles é a adoção, a glória, as alianças, a entrega da Lei, o culto e as promessas". Por trás do termo "culto" está a palavra grega *latreia*, que remete ao serviço no templo, equivalente ao hebraico *avodah*, também entendido como "serviço no templo".

Sabemos também que os seguidores de Jesus continuavam a frequentar o templo, como vemos no livro de Atos. Se Jesus considerasse o templo um sistema totalmente explorador, ele provavelmente teria se afastado dele e votado com os pés, como fizeram outros grupos, por exemplo, os autores dos Manuscritos do Mar Morto, que rejeitavam a liderança do templo.

Erro número 9: a ideia de que Jesus teria inventado o universalismo. Aqui também há uma citação equivocada de Pedro, sugerindo que seria inadequado para um judeu se associar ou visitar um estrangeiro. Isso está claramente errado. Há ainda outra citação, atribuída a

anglicanos, que chega a afirmar que os gentios eram vistos pelos judeus como impuros, incapazes de conversar, tocar ou conviver com eles — o que simplifica e distorce a realidade.

Isso levanta perguntas: como, então, os gentios entravam no templo? Como participavam da sinagoga? Essa visão não se sustenta.

A afirmação continua dizendo que, por tradição, Pedro não poderia interagir com gentios, o que retrata o judaísmo como um sistema rígido e hostil aos não judeus. Mas isso também está incorreto.

Como sabemos disso? Uma forma de estudar a história judaica é usando o próprio Novo Testamento como fonte histórica. Por exemplo, os magos visitam Maria e José sem qualquer reação de rejeição por serem gentios. Em Mateus 8 e Lucas 7, o centurião romano procura Jesus em favor de seu servo, e em Lucas vemos que anciãos judeus intercedem por ele, dizendo que ele ama o povo judeu e até construiu uma sinagoga.

Em Atos 10, Cornélio, um centurião, torna-se parte do movimento de Jesus — provavelmente como um "temente a Deus", alguém já próximo do judaísmo. Além disso, o chamado "pátio dos gentios" no templo indica essa convivência.

Também havia gentios que se convertiam ao judaísmo. Como teriam conhecido essa fé se não frequentassem sinagogas ou tivessem contato com judeus? Um exemplo disso é Nicolau, um dos sete diáconos mencionados em Atos 6. Havia ainda "tementes a Deus" espalhados pelas sinagogas em toda a diáspora.

A razão pela qual os judeus não faziam proselitismo no sentido de "bater à porta" dizendo "você já conheceu Moisés?" está ligada ao entendimento de que, como se vê em Paulo, muitos judeus não esperavam que os gentios se tornassem judeus no sentido pleno. A expectativa de parte deles era que, no fim dos tempos — com a chegada do mundo vindouro ou do Reino dos Céus — os gentios abandonariam a idolatria, mas não necessariamente se converteriam ao judaísmo.

Nesse contexto, havia tradições como a do Livro dos Jubileus e os chamados mandamentos de Noé, segundo os quais os gentios não estavam obrigados aos 613 mandamentos da Torá, mas a um conjunto menor de normas fundamentais: não matar, não cometer imoralidade sexual, não praticar idolatria, não comer carne de animal ainda vivo, estabelecer sistemas de justiça, entre outros. Isso indica uma distinção entre a identidade de Israel e a conduta esperada dos gentios.

Como já foi mencionado, Paulo também não exige que os gentios se tornem judeus. Pelo contrário, ele defende uma inclusão dos gentios sem a necessidade de plena conversão ao judaísmo.

Finalmente, o erro número 10: a ideia de que os judeus esperavam um Messias exclusivamente militar e rejeitaram Jesus porque ele pregava a paz. Essa generalização também não se sustenta. Não havia uma única visão judaica sobre o Messias, nem uma

descrição fixa de suas funções. O que existia eram expectativas variadas, mas com alguns elementos recorrentes.

Em muitos textos judaicos do período, o Messias e a Era Messiânica aparecem como um conjunto: a chegada de um implica a transformação do mundo. Essa era incluiria, por exemplo, a ressurreição dos mortos — ideia refletida em Paulo, em 1 Coríntios, quando ele chama Jesus de "primícias" da ressurreição, esperando a colheita final.

Também se esperava a reunião dos exilados, com judeus retornando à terra de Israel; a conversão dos gentios, que abandonariam a idolatria para adorar o Deus de Israel; um julgamento final; e a instauração de uma paz universal. Essa visão aparece, por exemplo, em Isaías 11, com a imagem do lobo habitando com o cordeiro, o leopardo com o cabrito, e uma criança guiando-os — um símbolo de harmonia completa.

A conclusão, então, é que muitos judeus do período — seja ao ouvirem Jesus diretamente, seja ao ouvirem sobre ele por meio de seus seguidores — poderiam considerar seu ensino profundamente significativo. No entanto, para muitos deles, ele não teria realizado os sinais plenos associados à Era Messiânica.

Isso não se deve ao fato de todos esperarem apenas um líder militar, mas ao fato de que as expectativas messiânicas eram amplas e, em muitos casos, ainda não cumpridas.

Além disso, havia diversos candidatos messiânicos no período. Alguns esperavam Elias, com base em Malaquias 4 (ou 3, dependendo da numeração). Outros associavam figuras como João Batista ao papel messiânico — algo que ainda persiste em certos grupos, como os mandeus. Outros esperavam um profeta, um pastor, ou figuras como Enoque, Simão Bargiora, o arcanjo Miguel ou Bar Kokhba. Os Manuscritos do Mar Morto, por exemplo, chegam a mencionar mais de um Messias, como um messias sacerdotal e outro real.

Também havia movimentos variados no judaísmo do período, nem todos violentos. Josefo relata episódios em que o governo romano enfrentava resistência judaica não necessariamente militar, mas religiosa, como no caso das insígnias introduzidas por Pôncio Pilatos, que foram rejeitadas pelos judeus por conterem símbolos considerados idólatras.

Então, os judeus se prostraram no chão e permaneceram imóveis nessa posição durante cinco dias e cinco noites. Pilatos ficou irritado, ameaçou um massacre e disse: "Vamos enviar as tropas e vou matar vocês, a menos que saiam daqui."

Nesse momento, os judeus, a um sinal, caíram em grande número, expuseram os pescoços e gritaram que preferiam estar prontos para morrer a ver sua lei ser violada. Pilatos recuou. Esse é, aliás, o primeiro exemplo histórico do que hoje se chamaria uma greve de braços cruzados.

Quanto ao fato de Jesus ser não violento, ele aconselha seus discípulos em Lucas: "Se não tiver espada, vá vender o manto e compre uma", e os discípulos respondem… bem, temos algumas aqui mesmo.

Erro número 11:

Jesus teria “inventado” o Deus amoroso, o Pai. Joachim Jeremias sugeriu que, quando Jesus chamava Deus de “Abba”, isso significaria algo como “papai” ou “paizinho”, e que os judeus considerariam isso impensável ou até blasfemo.

Mas quando James Barr publicou um artigo intitulado “Abba Isn’t Daddy”, Jeremias reviu sua posição: “Abba” não significa “papai”. Jesus não cria um Deus novo e aprimorado. Já existe o uso de linguagem paterna para Deus nos Salmos, em Isaías, em Jeremias, em Josefo, no rolo de hinos 1QH (os Hodayot de Qumran), nos Manuscritos do Mar Morto e no Talmude Babilônico. Além disso, há um desenvolvimento desse tipo de linguagem ao longo dos evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João. Os gentios, em especial, provavelmente apreciavam a ideia de poder chamar o Deus de Israel de “Pai”, por serem vistos como adotados nessa nova família.

Mas Jesus não inventa um Deus novo e melhorado. A ideia seria a oposição entre o Deus da ira do Antigo Testamento e o Deus do amor do Novo Testamento.

Assim, quando meus alunos dizem que o Antigo Testamento apresenta um Deus de amor e lei, e o Novo Testamento um Deus de graça e compaixão, costumo responder com exemplos de textos. O Deus que criou o céu e a terra é o mesmo a quem Jesus reza. Se você quer um Deus benevolente, veja o Salmo 23: “O Senhor é meu pastor”. E se quiser algo mais severo, como no caso do “servo inútil”: ‘Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o para fora, às trevas; onde haverá choro e ranger de dentes”. E se quiser ver Deus em um “dia ruim”, basta olhar para o Livro do Apocalipse.

Esse seria, então, o erro número 12: a razão pela qual Jesus morreu.

Isso pode ser mudado, mas leva tempo. Trata-se de um folheto da Igreja de São Lourenço, em Nuremberg, de uma visita guiada sobre a tradução alemã anotada do Novo Testamento judaico.

Eu peguei esse folheto que dizia que a forma como Jesus falava de Deus desafiava as crenças morais e religiosas da sua época, e por isso ele foi condenado à morte. Em outras palavras, ele teria sido morto por causa da forma como os judeus entendiam moralidade e religião. Mais uma versão considerada equivocada sobre a morte de Jesus.

Isso vem de uma palestra de 2016 na Assembleia Plenária dos Diretores de Escolas Secundárias Católicas da Austrália, na qual eu estava presente. Ouvi uma irmã religiosa explicar que Jesus falava a camponeses explorados, em um contexto marcado por questões de gênero e valores patriarcais. Novamente, seriam leis judaicas de pureza mal interpretadas: marginalizados, rituais de pureza, e a ideia de que Jesus acolhia mulheres amigas como se o judaísmo fosse inerentemente misógino. Ele curaria e acolheria os doentes como se os judeus não se importassem com eles, além de lidar com os marginalizados.

Errado. Essas práticas se opunham fundamentalmente às hierarquias religiosas, culturais, políticas e econômicas dominantes da época, desafiando os próprios alicerces da ordem social. Não é de se estranhar que ele tenha sido morto. Mais uma vez, totalmente errado.

Por isso, trabalhei com meu colega Wolfgang Krauss para que a brochura de Nuremberg fosse modificada, e ela foi alterada no ano passado. Agora ela diz: “Aos 33 anos, ele foi acusado de perturbar a ordem pública e condenado à morte pelo prefeito romano. Jesus é morto como um risco político.”

Conclusão: não se desespere. Os erros são resultado de ignorância, não de malícia. Não é necessário fazer com que práticas ou crenças judaicas pareçam ruins para que Jesus pareça bom. Você pode revisar todo esse material, pois o vídeo foi gravado com áudio.

Na próxima vez que nos encontrarmos, falaremos sobre por que esses problemas persistem e o que mais podemos fazer para evitá-los, além de termos as informações básicas.

E na nossa terceira palestra, falaremos sobre o supersessionismo, que diz respeito a uma questão muito importante: não sacrificar os detalhes de uma tradição no altar da sensibilidade inter-religiosa. Então, como lidamos com essas preocupações?

Basicamente, é isso da minha parte. Agora é a vez de vocês verem quais perguntas podem ter.

Perguntas e Respostas

Teresa Pirola:
Muito bem, obrigada, Amy, Jill. Foi uma apresentação muito clara e convincente. Obrigada. Temos algumas perguntas aqui, e vou apresentar a primeira.

Você mencionou no início da sua apresentação o Leonardo Boff e a influência da teologia da libertação nas interpretações antijudaicas.

A teologia da libertação também influenciou o Papa Francisco. Isso explicaria a relação, por vezes ambivalente, dele com o judaísmo, como se pode depreender de algumas de suas declarações?

Resposta:
Sim, obrigada por essa pergunta. Acho que não. Penso que o problema está em uma lacuna na educação religiosa católica em geral sobre o judaísmo do século I. E, na época em que Boff escrevia — nos anos 1980, pelo menos a data da citação — muito do material que apresentei ainda não era de conhecimento comum nos seminários.

Em parte porque não tínhamos um domínio muito bom de temas como os Manuscritos do Mar Morto, e estudiosos judeus com maior familiaridade com práticas e crenças judaicas ainda não haviam sido incorporados de forma mais consistente aos estudos do Novo Testamento.

Um problema geral da teologia da libertação é que ela utiliza a Bíblia para ajudar a diagnosticar questões sociais contemporâneas e, a partir disso, refletir sobre o que deve ser feito — o que considero uma abordagem muito boa. No entanto, ela também envolve a ideia de libertação não apenas para a autenticidade e a plenitude, mas também de algo.

E, como Jesus não passa muito tempo falando sobre Roma, o império da época, mas sim em debates com outros judeus, o que ocorreu em algumas formas iniciais da teologia da libertação — e também pode ser visto na obra de Gustavo Gutiérrez — é que o judaísmo acaba se tornando o elemento negativo do qual Jesus "liberta".

Quanto ao Papa, não considero que o Papa Francisco seja, de forma alguma, antissemita. Em algumas ocasiões, ele fez declarações infelizes, algumas relacionadas, por exemplo, a comentários sobre a Epístola aos Gálatas.

Mas esse é um problema dos teólogos. Em geral, os teólogos não são estudiosos da Bíblia e, à medida que as disciplinas vão se tornando cada vez mais separadas — com os teólogos seguindo um caminho e os biblistas outro — esse problema tende a se agravar. Portanto, isso acaba sendo um desafio para a educação religiosa.

Teresa Pirola: Segunda pergunta. O questionador diz: "Eu estava lendo recentemente uma reflexão sobre o Evangelho de João, em que um estudioso da Bíblia afirmava que, no tempo de Jesus, não existiam 'judeus' no sentido amplo, apenas judeus da Judeia." Isso procede?

Resposta: Sim.

Pessoas da fé abraâmica. Você pode comentar essa forma de descrever a situação do século I?

Sim, essa é uma ótima pergunta. No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, um grupo principalmente baseado nos Estados Unidos, chamado Context Group, passou a defender que o termo grego *Ioudaioi* — no plural, ou *Ioudaios*, no singular — deveria ser traduzido como "judeu" em vez de "judeu da Judeia" ou simplesmente "judeu" em alguns contextos específicos. Essa é, de fato, uma tradução possível e legítima. Mas há uma distinção real ou apenas uma nuance? Talvez.

Desde então, essa questão vem sendo debatida, e parte da discussão envolve como entendemos a história, os grupos étnicos e até o próprio conceito de religião. Eu não acho que essa tradução seja necessariamente ruim, mas também não considero que seja totalmente adequada ou neutra. Em alguns casos, ela pode ser até enganosa.

Porque, se pegarmos todas essas ocorrências de *Ioudaioi* e simplesmente as traduzirmos como "habitantes da Judeia", então, no Evangelho de João, por exemplo, Jesus não seria da Judeia. João deixa claro que Jesus é da Galileia. Ele não é da Judeia, é da Galileia. Se traduzirmos todas as ocorrências de *Ioudaioi* apenas como "judeus", acabamos perdendo nuances importantes do século I.

Assim, ficaria difícil até dizer que Jesus era judeu, ou que Maria era judia, ou que Tiago ou Paulo eram judeus — e acabamos perdendo a conexão entre essas pessoas e suas práticas e identidade religiosa e cultural.

Outro ponto relacionado a isso, e até mais importante, é que hoje muita gente entende o termo "judeu" apenas como uma religião, enquanto "judeu da Judeia" seria uma identidade étnica.

Mas essa é uma falsa dicotomia. Os judeus nunca foram apenas uma religião. Se entendermos religião como uma comunidade de fé, ou uma comunidade baseada em crenças, os judeus sempre tiveram também uma dimensão étnica em sua identidade. Isso significa que, assim

como acontece com qualquer etnia — como os irlandeses, os alemães ou os quenianos — existe uma ideia de ancestralidade comum, de uma pátria de origem, de elementos culturais e linguísticos compartilhados. E é possível ser judeu sem aderir a qualquer sistema de crenças, o que dá origem aos judeus ateus.

Portanto, quando reduzimos o termo a uma definição exclusivamente religiosa ou exclusivamente étnica, acabamos rompendo essa ligação histórica entre os judeus atuais e os judeus da antiguidade. Com isso, deixamos de poder afirmar que Jesus era judeu, o que, em vez de esclarecer, tende a gerar mais confusão.

Teresa Pirola: Certo, e quanto a isso? Nos episódios em que há tensão entre Jesus e pessoas fora do seu círculo judaico — como os samaritanos ou a mulher fenícia de Siro — como o leitor deve interpretar essas tensões? Elas são políticas, religiosas, culturais? O que está acontecendo ali?

Resposta: Se a pergunta é "ou isso ou aquilo", a resposta é: é isso, aquilo e mais aquilo também.

Em alguns momentos vemos tensão; em outros, hesitação. No caso dos samaritanos, os próprios Evangelhos apresentam perspectivas diferentes sobre eles. Marcos não os menciona em nenhum momento. Mateus só os cita uma vez, no capítulo 10, no discurso da missão, quando Jesus diz: "Não vão aos samaritanos", e isso é tudo.

Já em Lucas, os samaritanos aparecem pela primeira vez. Jesus e seus discípulos estão indo da Galileia, no Norte, para a Judeia, no sul, para adorar no templo.

No capítulo 9 de Lucas, eles passam por uma aldeia samaritana e procuram hospedagem, mas os samaritanos se recusam a recebê-los.

Isso acontece porque o rosto de Jesus está voltado para Jerusalém. É nesse contexto que Tiago e João dizem: "Queremos que desça fogo do céu e os destrua", numa referência a Sodoma e Gomorra, cidades destruídas, segundo a tradição profética, por falta de hospitalidade. Assim, vemos uma relação marcada por uma dupla hostilidade entre os dois grupos.

E depois temos a parábola do Bom Samaritano, que só faz sentido se entendermos os samaritanos como inimigos.

Temos também os dez homens acometidos por uma doença de pele: nove deles são judeus e um é samaritano. Isso mostra que há um vínculo entre eles, e Jesus os cura. E, por fim, no Evangelho de João, encontramos a mulher samaritana.

Tudo isso envolve uma questão cultural. Em geral, quanto mais próximas as pessoas estão, mais tendem a entrar em conflito. E uma das grandes questões para os judeus do século I era: os samaritanos estão dentro do nosso grupo ou fora dele?

Eles fazem parte do mesmo conjunto étnico, em parte descendem das doze tribos, mais especificamente das dez tribos do Reino do Norte de Israel. Houve também casamentos mistos. A mãe de Herodes Antipas — aquele que manda matar João Batista — era samaritana, casada com Herodes, o Grande, que era judeu.

Então a pergunta persistia: estão dentro ou fora? Seguem as mesmas leis? Pertencem ao mesmo povo ou não?

Podemos perceber na literatura rabínica que, quanto mais tarde, no século V e VI, mais os samaritanos passam a ser colocados do lado de fora. Nas fontes mais antigas, essa fronteira é mais ambígua: às vezes estão dentro, às vezes não. Então a questão permanece aberta.

Podemos fazer um paralelo com distinções atuais, por exemplo, entre católicos romanos e protestantes. Vistos de fora, parecem bastante semelhantes: todos adoram Jesus, mas podem compartilhar a comunhão? Podem frequentar as igrejas uns dos outros? Consideram uns aos outros como estando no caminho correto ou incorreto?

Algo semelhante acontecia na forma como os judeus viam os samaritanos. E o mesmo se aplicava aos gentios: alguns eram aceitos em certas interações — negócios, convivência, até participação em algumas práticas comunitárias — enquanto outros eram mais claramente excluídos.

No fim, tudo isso variava bastante de acordo com cada judeu individualmente.

E é preciso avançar passo a passo.

Teresa Pirola: Há apenas uma questão de esclarecimento aqui. Foi mencionada a ideia de "colocar uma cerca em torno da Torá". Poderia explicar um pouco melhor o que isso significa?

Resposta: Sim, obrigado pela pergunta. Em *Pirkei Avot* (*A Ética dos Pais*), um texto rabínico da Mishná, a primeira afirmação diz: "faça muitos discípulos e construa uma cerca em torno da Torá".

A ideia é a seguinte: se existe uma lei da Torá, um mandamento — por exemplo, "não matarás" —, construir uma "cerca" significa criar proteções ao redor dessa lei, isto é, outras normas que ajudam a evitar que ela seja violada.

Por exemplo, uma forma de "cerca" seria evitar situações que levem ao assassinato.

Nesse sentido, a outra lei que Jesus acrescenta — algo como "não se irar" — funciona de forma semelhante. Porque, se você não estiver com raiva, é menos provável que venha a matar ou cometer adultério. Jesus, na verdade, vai além e sugere até não alimentar esse pensamento, porque pensamentos podem levar a ações planejadas. Assim, se você não pensa nisso, não planeja, e é menos provável que aconteça.

Portanto, Jesus está ampliando a lei ou construindo uma barreira ao redor dela, justamente para ajudar seus discípulos a não a violarem. É uma forma de apoiar as pessoas a cumprirem os mandamentos.

—

Teresa Pirola: Tudo bem.

Diante disso, até que ponto a comunidade judaica também busca compreender as práticas e crenças do cristianismo sem recorrer a equívocos e estereótipos?

Resposta: Que pergunta excelente. Sinceramente, em geral, não fazemos isso muito bem.

Se eu estivesse falando para um público judaico, eu abordaria também os equívocos judaicos sobre o cristianismo primitivo e suas práticas.

O movimento reformista — a vertente mais liberal do judaísmo, especialmente nos Estados Unidos — por um tempo ofereceu cursos sobre o Novo Testamento e o cristianismo primitivo, e isso ainda pode ser encontrado em alguns contextos mais progressistas.

Mas, no meio ortodoxo, isso praticamente não existe. Eu mesmo frequento uma sinagoga ortodoxa moderna e passo muito tempo conversando com pessoas da minha comunidade que têm dúvidas — e muitas vezes elas também entendem mal essas questões.

Portanto, há trabalho a ser feito de ambos os lados. No que diz respeito aos equívocos cristãos sobre o judaísmo, isso se torna ainda mais urgente. Ambos os lados têm problemas nesse sentido.

Mas esse ponto é mais urgente porque práticas e crenças judaicas aparecem nas leituras litúrgicas cristãs. O judaísmo está presente na Bíblia cristã e no Novo Testamento. Já o cristianismo não faz parte das práticas litúrgicas judaicas, então não há a mesma necessidade interna de referência ao cristianismo no culto judaico.

E quando alguns cristãos dizem: “o Talmude...”, e mostram aquela grande obra em vários volumes, e afirmam que o Talmude diz coisas negativas sobre Jesus — isso é verdade, de fato existem passagens assim.

Isso pode ser comparado aos escritos de alguém como João Crisóstomo, um bispo da Igreja primitiva em Antioquia, que também escreveu coisas muito negativas sobre os judeus. Assim como a maioria dos cristãos não lê João Crisóstomo, a maioria dos judeus não lê o Talmude de forma direta ou sistemática no contexto de culto.

Ou seja, há problemas de ambos os lados, e estou tentando contribuir para o diálogo entre eles, se me permitem.

—

Teresa Pirola: Há também uma pergunta relacionada: a diferença entre as interpretações populares do Evangelho e as correções acadêmicas é muito grande. As pessoas parecem fortemente apegadas aos seus equívocos. É realmente possível diminuir essa distância? Como a senhora vê o futuro? Está otimista?

Resposta: Meu Deus… honestamente, estou prestes a fazer 70 anos, já sou velha e faço isso há muito tempo. E cada vez mais penso que talvez devesse ter seguido o conselho da minha mãe e ido para a faculdade de Direito.

Às vezes sinto que passei minha carreira estudando Jesus — algo que considero fascinante e inspirador — e tentando corrigir esses equívocos.

Isso pode mudar? Claro que pode.

A razão pela qual mencionei aquele folheto em Nuremberg é que foi preciso muito esforço para que fosse alterado. Ele foi distribuído em várias línguas, e isso só mudou graças ao trabalho de colegas no local.

Também consegui que conteúdos incorretos fossem removidos do site da Comunhão Anglicana. E, sempre que dou palestras como esta, recebo e-mails e mensagens de pessoas dizendo coisas como: "agora preciso revisar meu sermão" ou "preciso repensar meu estudo bíblico".

Então é um trabalho de pessoa para pessoa. Vai resolver tudo? Não. Mas pode mudar algumas coisas? Sim.

E isso já é suficiente para me fazer acreditar que fiz a escolha certa de carreira.

Não sou otimista de que tudo será resolvido, mas o fato de haver centenas de pessoas participando de um webinar como este já mostra que há interesse.

E isso, por si só, já é significativo.

—

Teresa Pirola: Essa talvez seja uma boa forma de encerrar. Obrigado, Amy Jill.

Ainda há mais perguntas — eu adoraria continuar — mas precisamos terminar.

Muitas vezes fico impressionado com suas apresentações. Talvez um dos grandes presentes do seu trabalho acadêmico seja o desafio e também o incentivo à mudança: pensar e agir de forma diferente, seja no púlpito, na sala de aula ou em qualquer outro contexto.

A melhor forma de agradecer talvez seja colocar em prática o que aprendemos hoje e compartilhar esses ensinamentos com outras pessoas.

Vou mencionar alguns recursos agora, mas há algo que gostaria de dizer no encerramento, ou posso seguir?

Resposta: Não, apenas obrigado pelas palavras gentis e pela oportunidade. Quem não teve suas perguntas respondidas pode me escrever — meu contato em Vanderbilt é o melhor caminho.

Voltarei no dia 4 de agosto, certo?

Teresa Pirola: Isso mesmo, 4 de agosto. Então a senhora ficará mais tempo aqui.

Amy-Jill Levine: Vamos analisar as causas disso e, ao entender as causas, conseguimos também entender as soluções. Obrigado a todos.

Teresa Pirola: Obrigado.

Nas próximas semanas, enviaremos aos participantes um link com a gravação da sessão e uma lista de leituras recomendadas das obras da professora Amy Levine.

Também gostaríamos que todos compartilhassem pelo menos um desses recursos com alguém — um colega, professor, líder religioso ou amigo — para ajudar a disseminar esse conhecimento nas comunidades.

Alguns recursos foram destacados, como *The Jewish Annotated New Testament*, editado por Amy-Jill Levine e Marc Z. Brettler, publicado pela Oxford University Press, uma obra de grande relevância acadêmica.

A Abingdon Press também oferece diversos materiais da Amy-Jill Levine, incluindo livros curtos e DVDs voltados para uso educacional.

Como mencionado, tivemos 500 participantes nesta palestra, e se cada um compartilhar ao menos um recurso, isso já seria uma contribuição significativa para nossas comunidades.

Isso também é uma forma de reconhecer o trabalho importante da professora Amy-Jill Levine.

Agradecemos novamente a ela.

Agradecemos também aos patrocinadores, apoiadores e a todos os participantes. Esperamos vê-los novamente no dia 4 de agosto para a segunda sessão com Amy-Jill Levine, cujo tema será o antissemitismo: “Por que ele persiste nos púlpitos cristãos 60 anos após *Nostra Aetate*?”.

Bênçãos a todos. Bom dia e boa noite.